

# As Paisagens de Paulo Gomes

ALFREDO NICOLAIEWSKY

Brasil, artista visual. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo e Mestre e Doutor em Artes Visuais — Poéticas Visuais. Afiliação actual: Instituto de Artes — UFRGS.

Artigo completo recebido a 13 de janeiro e aprovado a 30 de janeiro de 2013.

**Resumo:** Este artigo tratará de parte da produção do artista e professor Paulo Gomes (Nova Iguaçu, RJ, 1956), que vive e trabalha em Porto Alegre. Analisaremos uma gravura da série intitulada “Paisagens”, produzida entre 2001 e 2003. Para criar esta série ele se apropriou de textos que descrevem paisagens do Rio Grande do Sul, elaborados por autores locais ou escritores-viajantes do século XIX. Ao transportar esses textos, obedecendo a algumas regras formais, ele nos remete, ao mesmo tempo, para a gravura dos séculos XVI a XIX e para a arte conceitual. Neste artigo comentaremos uma destas gravuras, intitulada “Entre a embocadura do rio Araringuá,” que exemplifica bem o conjunto.

**Palavras chave:** Paulo Gomes / gravura / texto-imagem / arte contemporânea.

**Title:** *The landscapes of Paulo Gomes*

**Abstract:** *This article will deal with some production of the artist and teacher Paulo Gomes (Nova Iguaçu, RJ, 1956), who lives and works in Porto Alegre. We will look at one picture of the series entitled “Landscapes”, produced between 2001 and 2003. To create this series he has appropriated texts that describe landscapes of Rio Grande do Sul, by local authors or writers-travelers of the nineteenth century. When retrieving these texts, according to some formal rules, he connects pictures from the sixteenth to nineteenth and the conceptual art. In this article we will comment on one of these prints, entitled “Between the mouth of the river Araringuá,” which exemplifies the set.*

**Keywords:** *Paulo Gomes / picture / text-image / contemporary art.*

*Entre a embocadura do rio Araringuá e a embocadura do Rio Grande vê-se uma longa e arenosa praia, descoberta aos furores bravios das encapeladas ondas do Oceano Atlântico, que aí vão quebrar-se. Nestes lugares habita uma nova espécie de homens, de carácter diverso de todos aqueles que nas outras regiões vivem à custa do suor alheio, pois que apresentam um natural bom e hospitaleiro, apesar da sua fereza e temeridade, próprias a todos os homens que vivem afastados da sociedade. Em uma manhã de inverno, fria e tenebrosa, estes homens esperam em vão ver surgir o claro e brilhante luzeiro do dia, e descobrir com seus olhos, exercitados a ver ao longe, as areias revolvente-se na praia, e resvalando-se ligeiro sobre as ondas algum navio com suas asas enfundadas, tão brancas como a neve que as vezes lá se amontoa nos píncaros dos serros*

*próximos. O frio se havia apoderado deles, e era por entre as pontas dos seus largos ponxos que deixavam escoar o seu assobio agudo, anunciando-se uns aos outros que guardavam as avenidas formadas pelos cômoros que os ventos levantavam, acumulando as areias para as partes da praia. Era que uma tempestade horrível sibilava na cumiada dos céus, e lambia com suas enormes línguas a superfície dos mares e montuosidades da terra, produzindo o estrépito tenebroso do Inferno, e o pavor que faz convulsar o homem entre o amor e o temor de Deus.*

A transcrição acima é um trecho do romance intitulado “O Corsário”, de Antônio Vale Caldre e Fião (Porto Alegre, RS, 1824 -1876), escrito em 1849 e publicado pela primeira vez como folhetim, no jornal *O Americano*, no Rio de Janeiro. Ele descreve uma paisagem do Rio Grande do Sul, com um vocabulário comum no séc. XIX, mas pouco usual hoje em dia. Este é um dos textos que Paulo Gomes se apropriou para criar uma série de gravuras, chamada simplesmente de “Paisagens”. Ele não procedeu, entretanto, como seria esperado de um artista visual, ou seja, criar uma imagem gráfica que representasse esta paisagem: o que ele faz é se apropriar do texto que descreve a “paisagem” na obra literária, e deslocá-lo para o papel da gravura, tendo como resultado a imagem abaixo (Figura 1).

Poderíamos discutir aqui se isto é uma imagem — um retângulo formado por linhas horizontais, por sua vez formadas por pequenos sinais gráficos — ou é uma imagem mental — que surge ao se ler o texto. Deixarei esta questão em aberto...

Voltemos a concretude do trabalho. Para transpor este texto para o papel, o autor poderia ter se valido de diversas técnicas, como a serigrafia, a impressão com jato de tinta, algum processo fotográfico, etc. Mas Paulo Gomes, no entanto, queria preservar, dentro do possível, a manualidade da gravura tradicional, a marca da pressão dos elementos gráficos sobre o papel, daí ter optado pela impressão tipográfica executada com tipos móveis. Por ser uma técnica em desuso, são poucas as gráficas que ainda têm este equipamento, e estas, também não dispõem de um número elevado de tipos móveis em bom estado. Este fato acabou por influenciar o resultado, pois os textos tiveram que ser editados por partes. Após serem impressos, a composição era desmontada para compor a parte seguinte e sua conseqüente impressão na mesma folha, complementando o texto total. Esse procedimento torna-se visível, eventualmente, em algumas gravuras, nas quais percebemos uma sutil diferença na tonalidade dos pretos. O papel utilizado foi aquele tradicionalmente utilizado para impressão de gravuras, o Fabriano cinqüenta por cento de algodão. Estas opções técnicas acabam por enriquecer tanto a leitura das obras quanto o seu resultado final.

Comparemos agora estas duas gravuras (Figura 2a e Figura 2b): a primeira,



**Figura 1.** Paulo Gomes. *Entre a embocadura do rio Araringuá*, 2001-2003. Impressão tipográfica sobre papel Fabriano, 35 x 50 cm.

na qual visualizamos com facilidade uma paisagem, é uma gravura de Charles-François Daubigny (1817/1878), feita em 1849, a partir de uma pintura de Claude Lorrain (1600/1682). Ao olharmos atentamente para ela veremos que, sobre a superfície do papel, existem apenas linhas, traços, pontos, manchas, elementos que nosso cérebro unifica e traduz como uma paisagem. É um sistema reconhecido de representação de uma imagem. Examinemos agora a segunda gravura, a de Paulo Gomes. Ela também é formada de linhas e pontos sobre a superfície do papel. Para nós, alfabetizados, também este é um sistema reconhecível e, ao lê-lo, também configuramos uma paisagem. Com certeza, são duas áreas diferentes do cérebro que atuam, uma em cada caso, mas o resultado é semelhante. Este é um dos aspectos mais interessantes destes trabalhos: a obra em seus aspectos formadores, em sua estrutura, discute a questão da linguagem e dos diferentes códigos de representação. Se alguém pensar que a primeira gravura é uma paisagem e a segunda não, basta lembrar o alerta de René Magritte (Bélgica, 1898-1967) escrevendo sobre a sua pintura “Isto não é um cachimbo”, que a resposta estará dada: “O famoso cachimbo... Como fui censurado por isso! E, entretanto... Vocês podem encher de fumo, o meu cachimbo? Não, não é mesmo? Portanto, se eu tivesse escrito sobre o meu quadro: ‘isto é um cachimbo’, eu teria mentido.” (1989).



**Figura 2a.** Charles-François Daubigny d'après Claude Lorrain. *Paysage de la campagne italienne au bord de l'Arno*, 1849. Água-forte e buril, 26,5 x 34,7 cm.



**Figura 2b.** Paulo Gomes. *Entre a embocadura do rio Araringuá*, 2001-2003. Impressão tipográfica sobre papel Fabriano, 35 x 50 cm.

Entre os séculos XVI e XIX eram comuns as gravuras que reproduziam pinturas, conhecidas como “gravuras de reprodução ou documentação”. Nessas gravuras o artista-artesão gravava e documentava imagens que não eram de sua própria criação, e que tinham por objetivo difundir as obras de outros artistas, em oposição às chamadas gravuras originais, que são em si mesmas, uma forma de expressão do artista. Gomes se vale em seus trabalhos dos mesmos recursos de identificação da obra, do autor da gravura e do autor da pintura reproduzida, utilizados nas antigas gravuras de reprodução: na parte inferior de sua gravura ele escreve, com certa dose de irreverência, à esquerda *Caldre e Fião pinxit* e, à direita, *Paulo Gomes fecit* — o autor do texto como o pintor e o nome dele como o executor da “imagem”.

Esta série de gravuras faz parte do conjunto de trabalhos elaborados no doutorado em Artes Visuais de seu autor (UFRGS, 1999-2003), com um estágio de um ano na EHESS — *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales* (Paris, França). Em sua tese, intitulada *Comentários: alterações e derivas da narrativa em artes visuais* (UFRGS, 2003), ele escreve sobre a gênese destes trabalhos. Informa que eles foram imaginados durante um seminário assistido no seu estágio na EHESS, ministrado por Jacques Leenhardt, versando sobre a constituição do conceito de paisagem na literatura e nas artes visuais na França no século XVIII. Naturalmente que parte considerável das referências que Leenhardt utilizava vinha da literatura, o que levou Gomes a conceber e elaborar estes trabalhos. O artista decidiu, entretanto, adiar a execução para a sua volta ao Brasil, pois entendeu que as “imagens” deveriam ser em português, a partir de livros de autores brasileiros do séc. XIX, e que deveriam ser descrições de paisagens do Rio Grande do Sul. Esta decisão acabou criando uma série de novas dificuldades:

parte dos textos utilizados é de difícil acesso, verdadeiras raridades bibliográficas e, conseqüentemente, difíceis de serem localizados. A solução deste problema acabou por se resolver em pesquisas em coleções particulares e na Biblioteca Riograndense, na cidade de Rio Grande, no interior do Estado.

Esta série de trabalhos, como muitos outros de Paulo Gomes, são extremamente contemporâneos em suas linguagens, porém utiliza referências a elementos ou questões ligadas a história da arte e da literatura. Isto se deve provavelmente a sua formação e atividade profissional. Antes de estudar artes visuais, Paulo estudou Letras, sem ter concluído o curso. Posteriormente fez a graduação, mestrado e doutorado na área de Poéticas Visuais, mas exerce como atividade principal, a função de professor de História da Arte, tendo suas pesquisas nesta área, com ênfase nos séc. XIX e início do XX, principalmente na produção visual do Rio Grande do Sul.

Especificamente nesta série de gravuras, Gomes obtém a integração/fusão entre referências à arte do século XIX — através dos textos literários do Romantismo — com a produção contemporânea, através de referências a Arte Conceitual dos anos 1960, pela utilização de textos como obras visuais. Neste sentido basta lembrar a série de trabalhos que Joseph Kosuth (EUA, 1945) desenvolveu nos anos sessenta, chamada “(*Art as Idea as Idea*)”, nos quais através de processo fotográfico, coloca a definição extraída de um dicionário, de uma série de palavras, como “*Nothing*”, “*Image*”, “*Water*” ou “*Concept*”.

De posse dessas informações percebemos melhor como Paulo Gomes consegue, principalmente neste conjunto de trabalhos, associar de forma efetiva suas duas áreas de atuação, como professor e como artista contemporâneo.

### Referências

Gomes, Paulo Cesar Ribeiro (2003).

COMENTÁRIOS: *Alterações e derivas da narrativa numa poética visual*. Porto Alegre (RS): UFRGS/Instituto de Artes/Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (tese de doutorado inédita).

Foucault, Michel (1989). *Isto não é um cachimbo*. RJ/SP: Editora Paz e Terra.

*Uma breve história da gravura até o século XIX* [s.d] [por Julio Reis]. Papel da Arte (Consult. 26/11/2012) Disponível em: <http://www.opapeldaarte.com.br/historia-da-gravura-ate-o-seculo-19/>

### Contactar o autor:

alfredo.nicolaiewsky@gmail.com